

# ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
PARINTINS - 2018

**Weberson Fernandes Grizoste**  
**(Org.)**

# Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
[latinitates.weebly.com](http://latinitates.weebly.com)  
[facebook.com/latinitates](https://facebook.com/latinitates)

Arte da capa: Thiago Godinho  
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2018

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Autores clássicos

- C. A. André (2006). **Ovídio. Amores**. Lisboa: Cotovia.
- A. M. Cordeiro (2010). **Plauto. O Truculento**. Coimbra: CECH.
- P. B. Falcão (2008). **Horácio. Odes**. Lisboa: Cotovia, pg 45-123.
- G. G. Flores (2014). **Propercio. Elegias** Belo Horizonte: Autentica pg.194- 261.
- D. F. Leão (2006). **Petrônio. Satyricon**. Lisboa: Cotovia.
- A. L. Seabra; A. F. Castilho (1948). **Horácio-Ovídio, Sátiras-Os Fastos**. Rio de Janeiro-São Paulo- Porto Alegre, W. M. Jackson Inc., 1948.

### Apoio Teórico

- N. Ackerman (2015) «The female prostitute in ancient Rome: na identity» **The Posthole the student-run archaeology jornal 46** pg. 1-7.
- J. N. Adams (S.D.). **Words for ‘prostitute’ in latin**. Manchester: p. 321-358.
- (1982), **The latin sexual dictionary**, Londres: Duckworth.
- C. A. André (2006). **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a. C.** Lisboa: Cotovia, 2006.
- B. M. V. Conceição (2014). **Aquelas que amam sem amar: as prostitutas nos textos literários e jurídicos romanos**. Juiz de Fora: Univ. Federal de Juiz de Fora (monog. policop.).
- F. Oliveira (2009). «Amor na sátira de Horácio e seus predecessores», M. H. R. Pereira; J. R. Ferreira; F. Oliveira (coord). **Horácio e a sua perenidade**. Coimbra: CECH. 21-53.
- C. M. Rocha (2015). **De linguado a lingua(ru)da: gênero e discurso das mulieres plautinae**. Campinas: Unicamp (Tese policop).
- L. Weisner (2014). «The Social Effect the Law had on Prostitutes in Ancient Rome» **Grand Valley Journal of History**.



## A SUPOSTA PROFECIA MESSIÂNICA NA IV BUCÓLICA DE VIRGÍLIO

Adailson Campos Pereira [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

**Resumo:** *Com base nas percepções controversas acerca da suposta profecia messiânica contida na IV Bucólica de Virgílio, este artigo, através de uma investigação bibliográfica, pondera a referência que esta Écloga faz a um menino e a concepção profética do nascimento do Messias aceita pelo Cristianismo. Tal reflexão põe em xeque a sustentação de que*

*neste poema Virgílio profetizou o nascimento de Jesus Cristo, entendimento apropriado pelos primeiros cristãos.*

**Palavras-chave:** Virgílio, IV Bucólica, Profecia Messiânica, o menino.

## O EPÍTETO DE PROFETA DE VIRGÍLIO

Inspirado nos idílios do poeta grego siracusano Teócrito, mas recriando seus temas, Publius Virgilius Maro (70-19 a. C.), aproximadamente entre 41 e 37 a.C., compôs sua primeira obra, denominada Bucólicas. Trata-se de um arranjo de dez poemas pastoris com forte clamor erótico e político onde o poeta se utiliza de alegorias para exaltar seus benfeitores em Roma.

Virgílio escreve as Bucólicas quando os romanos passavam por um período de turbulência. *Com o assassinato do líder militar e político da república romana, Júlio César, em 44 a.C., o equilíbrio foi rompido e assim foi dado início a uma crise que iria desencadear o começo do império em Roma* (MEIRA, 2013, p. 906). Nesta época Roma se encontrava envolvida em lutas civis/ e agitações políticas e a simplicidade do campo retratada nos poemas virgilianos agradava ao povo romano (RIBEIRO, 2006, p. 17).

No contexto descrito ganha destaque a IV Bucólica. Nesta, Virgílio não exclui o cenário campestre comum ao tema bucólico, mas dá maior evidência a um elemento mítico-profético acerca de uma época de prosperidade que estaria próxima. O enigmático poema fala do nascimento de um menino sob o qual a raça de ferro terminará e uma raça de ouro surgirá no mundo todo (versos 8 e 9) e diante do qual a Terra fará reverência (verso 50). Tal temática ganhou durante séculos diversas interpretações, gerando polêmica até os dias atuais.

As primeiras interpretações da comunidade cristã davam conta de que na IV Bucólica Virgílio teria profetizado o nascimento do Messias, entendimento influenciado pela configuração política da época do imperado de Constantino. Arruda (2011, pg. 99) faz uma reflexão em relação à esta compreensão: *É de se entender então que os cristãos da Idade Média, cujo poder estava nas mãos do Imperador Constantino e do Papa Inocêncio III, tenham visto naquela criança a que haveria de nascer mais tarde no império de Augusto, em Belém.*

Em paralelo, Cardoso (2011, p. 64) afirma que a IV Bucólica foi considerada profética e pré-cristã.

Por ser dirigida a Polião e predizer o retorno de uma verdadeira Idade de Ouro, graças ao nascimento de um menino, sob cujo império surgiria uma época de paz e fartura, Santo Agostinho e, mais tarde, os medievalistas, viram nela uma alusão ao nascimento de Cristo.

São três os pontos que favorecem todo o embasamento da interpretação da IV Bucólica como profética. O Primeiro é o fato de que o poema, quando menciona uma virgem (verso 6) e um menino que receberá vida divina (verso 16), expõe um cenário análogo ao do nascimento do Messias conhecido pelos cristãos. O segundo concerne ao conhecimento superficial de cristãos e gentios tanto acerca do conteúdo do poema virgiliano quanto em relação aos escritos bíblicos. E o terceiro, como se pode perceber, é o fato que a designação de profeta pagão de Virgílio passou a ser concebida no imperado de Constantino<sup>4</sup> que é considerado o primeiro imperador romano cristão.

## **DESCONTRUÇÃO DA PROFECIA E A IDENTIDADE DO MENINO**

Outra questão de relevância na averiguação do aspecto profético da IV Bucólica de Virgílio são as inquietantes semelhanças entre trechos do poema e passagens da Bíblia Sagrada, especialmente do Livro de Isaías. Estas semelhanças, aliadas à falta de conhecimento, acabam por conduzir uma adaptação do conteúdo da Bucólica gerando uma interpretação na qual ela é tida como profética.

Raymond (2006, p.78) fala que a IV Bucólica merece nossa reflexão, uma vez que se mistifica sob a luz de dois pontos:

Primeiro: fornece o ambiente ao qual os ouvintes gentios instruídos das narrativas mateana e lucana da infância adaptavam o que ouviam a respeito do nascimento de Jesus. Segundo: a Bucólica é, com

---

<sup>4</sup> Antes do seu imperado, os cristãos eram perseguidos e até mortos pelos outros imperadores. Teve papel de suma importância no início do Cristianismo, já que quando imperador tornou a Religião Cristã a oficial do Império Romano.

frequência, considerada reflexo indireto do conhecimento de alguns dos temas de Is 7-11 no mundo pagão.

Raymond fornece a constatação de que, de fato, os ouvintes gentios, e mesmo os cristãos, conhecedores das narrativas bíblicas sobre o nascimento de Jesus acabam por adaptar suas percepções, uma vez que há grandes semelhanças entre estas narrativas e o conteúdo da IV Bucólica. Podemos comparar, por exemplo, duas passagens. A primeira de Virgílio e segunda do Livro de Isaías:

Sem ser chamadas, as cabras virão para casa, com os úberes peçados de leite; e as manadas não terão medo dos poderosos leões.

Para teu prazer teu berço produzirá uma cornucópia de flores.

A serpente morrerá e também a enganosa erva venenosa, enquanto amomo aromático da Assíria nascerá em todos os campos (RAYMOND, 2006, p. 78).

Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; e o bezerro, e o leão novo e o animal cevado viverão juntos; e um menino pequeno os conduzirá. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e a desmamada meterá a sua mão na cova do basilisco (*Isaiás* 11: 6 - 8).

Verifica-se que nos escritos colocados há uma tendência de anunciação de uma época vindoura que será conduzida por um menino e onde haverá harmonia e fartura. Certa similaridade acaba por homogeneizar o conteúdo dos dois escritos reforçando o caráter profético da Bucólica. Entretanto, é inevitável arquitetar uma heterogeneização.

Analisando-se os pormenores e confrontando as informações contidas em Virgílio e nas passagens bíblicas encontram-se aspectos distintivos entre elas. Como exemplo, na IV Bucólica, é mencionada uma Virgem e o nascimento de um menino, todavia, *Virgílio não sugere*

*que o menino foi concebido pela Virgem, e a ascendência divina do Menino é puramente metafórica* (RAYMOND, 2006, p. 78). Tem-se ainda que, na verdade o menino não trará paz ao mundo, ele governará um mundo pacificado (verso 17). Na verdade, *essa criança não é um renovador do mundo: ela é simplesmente a nuncia de sua transformação, e acompanha sua evolução à medida que cresce* (ARRUDA, 2011, p. 99-100).

Outro ponto a se verificar é o caráter divino do menino. Virgílio afirma que ele receberá vida divina (verso 15), entretanto isso não é argumento suficiente para indicar que ele seja um deus. Na verdade o que se pode confirmar é que ele usufruirá das bonanças provenientes da raça do ouro.

Não se pode daí concluir que essa criança seja um deus; não é simplesmente pelo fato de ela receber uma vida de deuses, que possa ser considerada como tal. O fato é que, vivendo na Idade de Ouro, ela terá a graça de, como um mortal, viver como um imortal, e essa temática é uma constante na Idade de Ouro (ARRUDA, 2011, p. 100).

Mais um fato, se não o mais importante nesse processo de heterogeneização dos escritos de Virgílio e das passagens bíblicas, é a época de nascimento do menino. Trata-se de uma idade gloriosa que começará no consulado de Polião (verso 11). Mirando esta atestação, Arruda (2011, p. 100) faz uma reflexão:

Não podemos, de modo algum, supor que Virgílio tenha querido fazer de seus versos um vaticínio cristão. Mesmo que Santo Agostinho, Constantino e toda a Idade Média tenham visto aí o Cristo, essa hipótese é insustentável, pois Cristo não veio ao mundo sob o consulado de Polião – não podemos perder de vista o ablativo absoluto *te consule* do verso 11: esse poema foi dedicado a Polião, e o consulado era a maneira de marcar uma data. Além do mais, se a Bucólica IV contém um misticismo, por que o buscar longe de Roma? Não seria mais coerente acreditar que ela ecoe as especulações e as esperanças das quais estava impregnada a vida intelectual de então?

No poema Virgílio deseja que seu canto seja digno de um cônsul (verso 3). Mais adiante, nomeando este cônsul, ele deixa claro

que a IV Bucólica é inteiramente dedicada Caio Anísio Polião, que, como Mecenas, foi seu protetor<sup>5</sup>. O que se pode concluir é que se o menino nascerá sob o consulado de Polião, excluindo-se assim a possibilidade ser ele Jesus Cristo.

Seguindo-se a advertência de Arruda (2011) sobre a identidade da criança, o entendimento mais viável é que Anísio Galo, filho de Polião, seria o menino que governaria um mundo pacificado pelas virtudes paternas (verso 17), todavia essa possibilidade não se sustenta. *É verdade que Anísio Galo seria candidato ao principado depois do reinado de Otaviano Augusto, mas Virgílio dificilmente preveria um acontecimento de cinquenta anos mais tarde* (RAYMOND, 2006, p. 78).

Afunilando-se a gama de possibilidades, o que se pode supor é que os concorrentes mais prováveis ao menino da IV Bucólica seriam os filhos de Otávio Augusto e de Marco Antônio<sup>6</sup>. Em 40 a.C. Escribônia, esposa de Otávio Augusto, havia engravidado e Marco Antônio estava prestes a se casar com Otávia, irmã de Otávio. Sendo impreciso, é provável que Virgílio, quando personifica suas esperanças por um tempo de paz através do nascimento de um menino, não queira tomar partido deixando livre a interpretação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Autores Clássicos**

J. F. Almeida (2008). **A Bíblia. O reino do descendente de Davi**. Rio de Janeiro: King Cross Publicações.

A. Silva (2008). **Virgílio. Bucólicas. Geórgicas. Eneida**. Lisboa: Temas e Debates.

### **Autores Modernos**

R. Arruda (2011). “Bucólica IV de Virgílio: A Identidade do *Puer*” **Calíope** 22 pg. 98-108.

Z. A. Cardoso (2011). **A Literatura Latina**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

F. A. Meira (2013). “Virgílio e a Construção da Ideia do Império Romano”. **Colóquio de História V Anais Eletrônicos**. Recife: UNICAP. Pg. 905-914.

---

<sup>5</sup> Com a intercessão de Polião, Otaviano restituiu as propriedades de Virgílio que foram confiscadas durante a batalha de Filipos (42 a.C.). Este episódio influenciou diretamente o conteúdo da I Bucólica.

<sup>6</sup> Estes disputavam a liderança de Roma após o assassinato de Júlio César em 44 a.C.



E. B. Raymond (2006). “A Quarta Bucólica de Virgílio”. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura** 7 pg. 78-82.

M. L. M. Ribeiro (2006). **A Poesia Pastoral: as Bucólicas de Virgílio**. São Paulo: Universidade de São Paulo. (dissert. policop)



## **RITUAIS FÚNEBRES NA ROMA DE AUGUSTO E UMA PERSPECTIVA FRUSTRANTE NA ENEIDA**

Alex Viana Pereira [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

**Resumo:** *O presente trabalho pretende compreender e destacar a importância dos rituais fúnebres para o povo romano, identificando como esse processo se dava naquela época, a partir de alguns dos fatos ocorridos dentro da obra Eneida de Virgílio, ressaltando a ida do herói Enéias ao mundo dos mortos em busca de seu pai Anquises e corroborando também sobre as frustrações de Virgílio perante a sua obra e, por fim, pretende-se também evidenciar as frustrações do Herói Enéias em seu caminho que é destinado pelos deuses, tendo que levar o fardo de garantir o futuro do seu povo e de um império que nem chegaria a conhecer.*

**Palavras-chave:** Frustração, Enéias, Anquises, Morte e Ritos fúnebres.

A frustração na Eneida é algo visível, pois é uma característica encontrada desde seu autor ao herói da obra. Nessa perspectiva, é notável que Virgílio fosse um escritor frustrado e sua maior frustração era a Eneida, por conter muitas falhas, como nos diz Virgínia (1992) que uma obra que Virgílio planeava-meio Odisseia, meio Iliádica, definição também dada por Otis (*apud* Grizoste 2015) sobre sua composição como uma Odisséia-Iliádica romana, a Eneida não deixava de apresentar problemas de coerência interna, por ser natural que numa ou noutra destas componentes o poeta se sentisse menos empenhado. É perceptível a frustração do poeta a respeito de sua obra, querendo até pôr fim na mesma, já que a epopéia não estava correspondendo suas expectativas.

Segundo Pereira (1992, p.78) *o poeta parece ter tido aguda consciência, no limiar do além, da imperfeição que fatalmente atinge a obra*